

no cargo, e terá de assumir essa atitude clara e nítida. Mas tenho certeza de que nesse partido há homens corretos e dignos, que, no momento da votação, haverão de pensar neste grande País e votar conforme o interesse da Nação.

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira) — Concedo a palavra ao nobre Deputado José Lourenço, para uma Comunicação, pela Liderança do Governo.

O SR. JOSÉ LOURENÇO (PDS — BA) — Sr. Presidente, Sr^s. Deputados, é impressionante como neste momento há pessoas apressadas neste País. Impacientes, não estão dispostas a esperar por absolutamente nada: nem a conclusão dos trabalhos da CPI, nem do seu Relator, nada. Há colegas — por quem tenho particular estima — que, neste afã, esqueceram até a História.

Sr. Presidente, nobre Deputado Inocêncio Oliveira, V. Ex^a, como eu, foi fundador do PFL. Nós, que não votamos em Paulo Maluf no Colégio Eleitoral, dissimulamos, naquela época, do PDS. Paulo Maluf, candidato, era visto pela Nação como o diabo, Satanás em pessoa. Votar em Maluf, naquela época, era sinônimo de desatino e inconseqüência. As pessoas, na Bahia, fixaram até um painel gigantesco em praça pública, para mostrar quem votou e quem não votou em Maluf. O nome do Deputado Jutahy Júnior — como, aliás, também o de seu pai — constava, no painel, entre os que votaram em Maluf. É claro que S.Exa. tinha suas razões, que respeito. Mas votar em Maluf era algo terrível, uma agressão à Nação. Nós votamos em Tancredo Neves. Fui o primeiro dissidente do PDS, porque achei que o partido se havia esgotado. Achei que o povo queria eleições diretas e votei pelas “diretas-já”, assim como V. Ex^a, Sr. Presidente. V. Ex^a e eu somos signatários do documento de fundação do PFL, que viabilizou a mudança definitiva do quadro político do País.

Por isso, Sr. Presidente, embora eu seja profundamente humilde, não aceito lições nesta área, porque sou um homem que conhece a História. E quem não conhece a História não pode fazer política. A política é um permanente exercício do conhecimento da História.

Há pouco, vi aqui, de passagem, o ex-Governador do Paraná. Vi também o Líder do PST nesta Casa, Deputado Luiz Carlos Hauly, usar o microfone para comunicar à Nação que seu partido estaria rompendo com o Governo e votaria favoravelmente ao **impeachment**. Quem ouviu poderia até pensar que se tratasse do PMDB, de um partido expressivo. Não, minha gente. Trata-se de um partido que tem seis ou sete Deputados nesta Casa. Pelo amor de Deus Um partido que não tem significado na relação de forças no Congresso Nacional e que há muito tempo já vem trombeteando nos jornais que votaria a favor do **impeachment**. Então, o anúncio de hoje, aqui, foi um gesto para a platéia, um discurso para os holofotes, um discurso para os que são candidatos a Prefeito pela legenda, sinalizando a vontade que tem o seu Presidente de os eleger.

Da mesma forma, Sr. Presidente, e peço vênia a V. Ex^a, que é de Pernambuco, o Governador Joaquim Francisco, do seu partido, rompeu com o Presidente, depois de vir dizendo há tempos que romperia com o Governo. Aliás, o Governador é um homem que rompe com qualquer governo. Entretanto, enquanto seu candidato, em Recife, está com 3% nas pesquisas, na Bahia, onde o Governador Antônio Carlos Magalhães apóia às claras o Presidente Fernando Collor, o seu candidato a Prefeito é o primeiro nas pesquisas, disparado na frente da ex-Deputada do PC do B, Lídice da Mata, hoje no PSDB

e à frente de uma ampla coligação de partidos de esquerda. Conheço muito bem a História.

Tomemos ainda como exemplo, Sr. Presidente, Sr^s e Srs. Deputados, o que acontece em São Paulo. Possivelmente ninguém tem tido maior envolvimento, determinação, coragem, destemor e acuidade no sentido de encontrar agulha em palheiro do que o Senador Eduardo Suplicy. Nenhum araponga deste País lhe chega perto. Entretanto, o candidato Paulo Maluf tem 50% das intenções de voto, enquanto S. Ex^a patinha em 15 ou 16% da preferência do eleitorado e apresenta tendência de queda.

O povo não acredita em posições tomadas às vésperas de eleição. Tive um professor de português, quando era menino, ainda em Portugal, que me dizia: “José, se você quiser ser um homem culto, leia livros; mas, se você quiser ser um homem sábio, ouça o povo”. Sou um homem permanentemente sintonizado com a população. Por isso, fui reconduzido sucessivamente três vezes à Assembléia Legislativa da Bahia e três vezes a esta Câmara dos Deputados. Nunca perdi uma eleição!

Vejo hoje aqui pessoas que não esperam nem a conclusão dos trabalhos da CPI e seu relatório, apenas lêem as notícias nos jornais — um deles pautado pelo próprio PT — e logo justificam sua posição, querendo ficar bem com este ou aquele jornal, para ver se os seus nomes aparecem. Estes Parlamentares votam a favor do **impeachment**, e seus nomes aparecem nos jornais — quando nunca tinham aparecido antes — que remetem para suas bases políticas. Assim, votar pelo **impeachment** passou a dar projeção e destaque no quadro político desta Nação.

Ora, Sr. Presidente, vou votar contra o **impeachment**. — Acredito no Presidente e no País.(...) O nobre Deputado Jutahy Júnior — não vota e compreendo sua posição. Não votamos juntos porque S. Ex^a é mais jovem e vota com os mais jovens, que têm mais compromissos com os barbudinhos. Eu não. Tenho mais compromisso com outra geração, possivelmente a do avô de S. Ex^a

Sr. Presidente, apelo a todos, sem discriminar ninguém, pois tenho diálogo com todos — e V. Ex^a bem sabe disso — no sentido de aguardarmos o trabalho do Relator da CPI e, em consequência, a definição das forças políticas a favor ou contra o **impeachment**.

Há poucos dias, conversei com o ilustre Presidente desta Casa, Deputado Ibsen Pinheiro, quando S. Ex^a me disse: “Esta matéria só poderá ser apreciada pela Câmara dos Deputados se se estabelecer um clima de unanimidade. Sem isso, vamos gerar um impasse com graves reflexos na economia do País”. Agora vejo meu fraternal e velho amigo Ibsen Pinheiro deixar de ser o Presidente da Casa para se transformar no Líder do PMDB. S. Ex^a disse, perante a Casa e a Nação, que o **impeachment** é uma reclamação nacional, é uma questão de moral. S. Ex^a deixou de ser o Presidente da Casa e passou a ser um prejulgador.

Uma vez vi um Presidente desta Instituição declarar, poucos dias antes de morrer: “Sou Presidente do Congresso Nacional e não do PDS”. Refiro-me ao grande Senador Nilo Coelho, do Estado de Pernambuco. Ele falou da posição que V. Ex^a ocupa neste momento, nobre Deputado Inocêncio Oliveira. Morreu dias depois. A emoção foi tão grande que não resistiu a um infarto. Mas agora, não. O Presidente da Casa, simultaneamente, é Presidente do PMDB. Estou chamando a atenção do meu velho amigo Ibsen Pinheiro para que não confunda

sua posição de Presidente de todos nós com a de Presidente de uma facção ou de um partido nesta Casa.

A minha voz, Sr. Presidente, não será traída pelo silêncio, não terá qualquer compromisso com este tipo de ação política. Aqui estarei com a palavra séria, serena e respeitosa, enquanto o Presidente da Câmara dos Deputados tiver uma ação política dentro dos parâmetros que pautam o exercício da suprema magistratura desta Casa.

O Presidente Ibsen Pinheiro, quando assumiu essa cadeira, deixou de ser membro do PMDB para ser Presidente de todos nós. Portanto, S. Ex^a não pode opinar sobre determinadas matérias, muito menos prejudicar, porque assim fazendo estará se comprometendo com ações políticas que comprometem também a suprema magistratura da Casa, a Presidência da própria Casa. Isso é inaceitável, isso não corresponde à boa prática política em qualquer nível.

Era o que tinha a dizer.

O SR PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira) — Pelo restante do tempo destinado ao Bloco — Parlamentar concedo a palavra ao Deputado Paes Landim. S. Ex^a dispõe de cinco minutos na tribuna.

O SR. PAES LANDIM (Bloco — PI) — Sr. Presidente, segundo o *Jornal do Brasil* de hoje, o Banco do Brasil estaria favorecendo o Grupo Eucatex, sobretudo a empresa Eucatex Madeiras Ltda.

Sr. Presidente, não se trata da vinculação do Grupo Eucatex com a família Maluf — aliás, não tenho qualquer relacionamento de natureza mais íntima com o Sr. Paulo Maluf. Sou amigo, sim, e admirador de um dos maiores brasileiros deste País, o Sr. Roberto Salim Maluf, um dos homens mais sérios, trabalhadores e competentes que temos na economia brasileira. É um empreendedor na verdadeira acepção schumpeteriana, aquele que cria, que trabalha e que pensa no Brasil. Há pouco tempo, firmou um acordo com o MIT, o maior instituto de pesquisas tecnológicas do mundo, exatamente para facilitar as pesquisas e os investimentos que a empresa faz em vários campos da agricultura do País.

Depois de Petrobrás, é a primeira empresa da América do Sul que goza do privilégio, dada a sua seriedade, a sua importância e competência, de ter os seus computadores ligados diretamente aos da MIT, para receber informações das descobertas se inovações tecnológicas que o maior centro tecnológico do mundo produz e armazena.

Sr. Presidente, trata-se de uma notícia estapafúrdia, e espero que o Tribunal de Contas da União tenha o bom senso de não aceitar uma denúncia caluniosa, feita por um Parlamentar desta Casa, do ex-PCB, ex-funcionário do Banco do Brasil. Quem conhece Roberto Salim Maluf sabe de sua paixão pelo Brasil e do seu amor pelo empreendimento. Neste País, poucas empresas têm auto-suficiência e capacidade para sobreviver na crise como a Eucatex, exatamente pelo espírito inovador, criativo, trabalhador e dinâmico de Roberto Salim Maluf.

Há 40 anos cliente do Banco do Brasil, nunca precisou de um favor que não estivesse de acordo com o regimento, com o regulamento, com as normas técnicas do Banco. Tanto é assim que é normal que a uma empresa do porte da Eucatex — talvez a maior produtora de chapas de madeira do mundo, que produz mais do que a Alemanha, a França e a Itália juntas — seja conferido o empréstimo concedido pelo Banco do Brasil. É evidente que necessitamos de empresas que tragam divisas para o País. O empréstimo foi concedido porque obteve parecer favorável em todas as instâncias onde foi anali-

sado, inclusive na Superintendência Estadual de São Paulo, ao contrário do que diz o *Jornal do Brasil*. A operação foi deferida na alçada da Diretoria de Crédito Geral, Captação e Serviços Bancários, não tendo sido necessário despacho do Presidente ou do Conselho Diretor do Banco.

Há também que se levar em conta o espírito ético do Sr. Roberto Salim Maluf.

Quando o irmão se elegeu governador, no dia de sua posse, fez questão de retirar do Banco do Estado de São Paulo, além das suas contas particulares, as contas da empresa. Oxalá tivéssemos empresários empreendedores do porte do Sr. Roberto Salim Maluf, pois o Brasil seria hoje outro País.

Portanto, Sr. Presidente, é absurda a notícia veiculada pelo *Jornal do Brasil*. Espero que o Tribunal de Contas da União, como disse há poucos instantes, tenha a serenidade de não se deixar envolver numa intriga mesquinha como essa, noticiada hoje pelos jornais do País. Trata-se da responsabilidade social do Banco do Brasil de atender a empresas que geram empregos e que, mesmo na recessão, não demitem empregados; e a empresa em referência tem poder político-social de atendimento aos seus empregados como nenhuma outra deste País.

Sr. Presidente, não poderia deixar de trazer o meu protesto, quando se tenta tisonar a imagem de uma empresa que tanto engrandece o Brasil no exterior, que tanto engrandece a economia brasileira e que tem inequívoca função social, reconhecida por todos os empresários e homens de bem deste País.

O Sr. Eduardo Jorge — Sr. Presidente, peço a palavra para uma comunicação de Liderança pelo PT.

O SR. PRESIDENTE(Inocêncio Oliveira) — Para uma Comunicação de Liderança, concedo a palavra ao nobre Deputado Eduardo Jorge, Líder do PT.

O SR. EDUARDO JORGE (PT SP. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, há poucos instantes, ouvi o pronunciamento do Vice-Líder do Governo na Câmara, Deputado José Lourenço, e, em nome da Liderança do Partido dos Trabalhadores, quero fazer algumas considerações. Em primeiro lugar, quanto ao que S. Ex^a falou sobre o Presidente da Câmara dos Deputados, quero, como integrante de outro partido que não o do Deputado Ibsen Pinheiro, dar o testemunho de que S. Ex^a se tem portado com a maior discrição e isenção possível.

Em artigo do *Jornal da Tarde* de hoje, o Presidente Ibsen Pinheiro diz que “não há solidariedade política com o crime”. Mais adiante, noticia o jornal que “o Presidente da Câmara previu que todos os partidos políticos agirão com isenção diante do pedido”. E, em outro trecho, diz S. Ex^a que “a verdade haverá de contagiar esta Casa, atravessando todas as barreiras e todos os tipos de pressão”.

Para o Deputado Ibsen Pinheiro, portanto, haverá isenção, a verdade atravessará barreiras e os partidos se posicionarão de acordo com a avaliação que farão do relatório da CPI e das provas apresentadas. A posição de S. Ex^a é clara. É necessário analisarmos tudo o que disse o Presidente da Câmara, não só no artigo publicado no dia de hoje, mas também em outros pronunciamentos, para avaliarmos sua posição, que, no caso do *impeachment* do Presidente da República, tem sido de isenção.

Em segundo lugar, o Deputado José Lourenço, seguindo orientação do Sr. Fernando Collor de Mello, tenta caracterizar